

O SÉCULO

Nº 1643 • 28-6-69 • preço 5\$00

# Ilustrado

O TOURO  
FOI MORTO  
NA RUA



A FINAL  
DA TAÇA  
(A CORES)

CUBA  
10 ANOS  
DEPOIS

A VIAGEM  
DO RÃ



# O SECULO ilustrado



«Rá», o barco de papiro que actualmente atravessa o Atlântico, pretende provar que os egípcios terão alcançado o México. Sobre a viagem do «Rá», uma reportagem de sensação na página 47



A revolução cubana tem dez anos. E, após dez anos de «fidelismo», o que se passa em Cuba? Sabê-lo-á lendo a nossa completa reportagem da página 41

## ...E AINDA AS NOSSAS RUBRICAS:

Reportagem «S. I.» da semana —pág. 18. Entrevista «S. I.» da semana —pág. 38. «S. I.» Actualidades —pág. 50. «S. I.» Reportagens —pág. 29. «S. I.» Secções —págs. 57, 59 e 61. «S. I.» Extra —págs. 11, 13, 15 e 17. «S. I.» Sábado a sábado —págs. 62, 64 e 66. «S. I.» Desporto —pág. 32

DIRECTOR: FRANCISCO MATA

**CHEFE DA REDACÇÃO:** Botelho Tomé. **REDACÇÃO:** Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corregedor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaio, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. **SECRETÁRIA DA REDACÇÃO:** Maria dos Anjos Mendes. **REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:** Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baião, Abel Fonseca, Salvador Ribeiro. **ARRANJO GRÁFICO:** Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo, Mário Jorge. **COLABORADORES PERMANENTES:** Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Mário Heitor, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etelvina Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Francisco Nobre, Mário do Amaral, Mário do Rosário. **FOTOGRAFIA DE LABORATÓRIO:** Floriano de Oliveira, Henrique Albuquerque. **MONTAGEM:** Álvaro de Magalhães. **PUBLICIDADE:** Mário Vidreiro. **ASSINATURAS E AGÊNCIAS:** António da Silva Neto, Eugénio Costa. **EDITOR:** Fernando Castro. **Edição semanal de «O Seculo».** Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: Rua de «O Seculo», 59, Sucursal no Porto: Rua Sá da Bandeira, 5. **PROPRIEDADE:** Sociedade Nacional de Tipografia.

Ano XXXII-N.º 1643-Preço 5\$00  
28 DE JUNHO DE 1969  
SAI AOS SÁBADOS  
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e ilhas:  
trimestral, 65\$00; semestral,  
120\$00; anual, 230\$00  
Províncias Ultramarinas, Espanha  
e Brasil: semestral, 130\$00;  
anual, 240\$00  
Estrangeiro: semestral, 160\$00;  
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA

## si HÃ 30 ANOS

### A ACADEMICA VENCE A TAÇA DE PORTUGAL

O «S. I.» do dia 1 de Julho de 1939, publicou duas páginas sobre a final da Taça de Portugal, em que a Académica venceu o Benfica (ao contrário do que sucedeu este ano...). A foto mostra-nos a equipa da época.



Os brilhantes vencedores de «Taça de Portugal».

# FINAL DA TAÇA

## SEM SOFRIMENTO

## NÃO SERIA FINAL

**Texto de**

**Luís Alves**

O Benfica conquistou, perante cerca de 70 000 espectadores, no Estádio Nacional, mas sem a solemnidade da tradição, a sua 13.ª Taça de Portugal, em 16 presenças, o que constituiu um recorde muito difícil de superar. Não foi, porém, uma vitória fácil pelo menos não foi tão fácil como seria de prever, porque a defesa da Académica teve actuação de grande relevo.

A festa do futebol, que outra coisa não é a final da Taça, teve,



A equipa de Coimbra tudo tentou para vencer, mas o Benfica também soube defender-se



**A Académica revelou um extraordinário jogador que fez uma exibição impecável: o quarto defesa Belo que vemos em acção a desarmar Torres**

talvez, a maior imponentia de sempre. O Estádio Nacional esgotou a lotação, houve momentos de grande emoção e outros de grande monotonia e um permanente duelo entre duas aguerridas falanges de apoio que se encaravam com simpatia e que, intimamente, estavam dispostas, mais por aquela simpatia do que por desportivismo, a aceitar qualquer resultado. Ao redor das linhas de jogo não há dúvida que a festa teve beleza, colorido e até umas insólitas derivações, não de todo inesperadas, que também contribuíram para completar a animação. Mas o jogo em si não correspondeu. O ambiente merecia um pouco mais. Repare-se que a final nem sequer teve um «herói», um jogador que se distinguisse. Todas as finais têm o seu «herói», mas esta ficou em branco.

Não deixa de ser curioso assinalar, que um Benfica apontado como totalmente falido de forças físicas e morais e que atravessou a época a distribuir generosamente oportunidades aos seus competidores, acabou por vencer as três provas nacionais que disputou — Taça de Honra, Campeonato Nacional e Taça de Portugal. Isto é um tanto desconcertante, visto que muito boa gente se fatiga a proclamar que há por aí muitos progressos e muita gente nova apta a assegurar o futuro do futebol português. Mas essa será uma história para outra oportunidade.

Por agora assinalemos, também, que a Académica não esteve no Ja-

mor apenas para dificultar a vitória do Benfica, como proclamava, à saída do Jamor, um obtuso «neutro que não conseguia, afinal, esconder a sua desilusão. Não, a Académica esteve mesmo a disputar a final da Taça e cremos que, depois de ter justificado plenamente a sua derrota, poderia ter regressado vitoriosa a Coimbra, levando consigo um troféu para fazer companhia ao outro que, tão brilhantemente, conquistou em 1939, se não se tivesse esquecido que estava a defrontar o Benfica.

De facto, a partir daquele golão do Manuel António, que fez estremecer as estruturas do campeão nacional, cravando-lhe na alma um doloroso espinho, sempre pensámos que a Académica passasse ao «joguinho do rato com o gato» durante os poucos minutos que faltavam para uma consagração que havia de ser famosa e cujos brados chegariam, em ondas absorventes, ao Choupal. Mas não o fez, deixou que a bola andasse nos pés dos avançados do Benfica, até que chegou um momento em que a sorte não protegeu o seu guarda-redes como tantas vezes já havia acontecido. Simões, que era o avançado benfiquista que menos se conformava com a situação, mas que era, para mal dos seus pecados, o que mais havia contribuído para ela com umas tantas oportunidades perdidas, mostrou que tinha aprendido a lição. Como já havia visto Viegas largar a bola várias vezes quando era o Eusébio a rematar,

mente o seu domínio e colocando-se em condições de tirar dele o melhor proveito. Só já era questão de tempo, porque o fogo sagrado da equipa académica estava a apagar-se aflitivamente. Foi o que aconteceu.

O que não se esperava era que Eusébio, depois de tanto ter rematado com os pés e sempre em vão, acabasse por marcar o golo da vitória (2-1), com a cabeça.

Mas a final da Taça acabou em bem, como poucas vezes acontece, porque os vencidos reconheceram o mérito dos vencedores e estes também prestaram homenagem ao mérito dos vencidos. Em campo estavam duas equipas, que poderiam ter jogado melhor, mas que, em matéria de desportivismo, saíram sem mácula do Jamor.

Na Taça dos Vencedores das Taças, teremos a Académica, mesmo vencida, uma vez que o Benfica vai disputar a Taça dos Campeões Europeus.

Por último, um pequeno apontamento, que bem poderá ter sido decisivo no jogo. Otto Glória deve ter ganho o desafio com uma decisão em que arriscou muito. Eusébio lesionou-se, ficou a coxear e pediu várias vezes para ser substituído. Chegou a sair do campo para receber tratamento, Torres esteve prestes a entrar, mas Eusébio regressou ao jogo, embora sempre a coxear e a olhar para o banco dos responsáveis, a dar a indicação de que queria ser substituído. Mas Otto Glória manteve a decisão de não o substituir e, afinal, foi quanto ganhou, pois Eusébio recuperou, colaborou no golo do empate e marcou o do triunfo. A equipa passou um mau bocado esteve alguns momentos só com dez unidades, mas acabou por ser compensada graças à coragem moral do seu treinador.

correu pressuroso logo que viu o seu companheiro fazer a transformação de um livre provocado por Belo, e fez o golo. Assim, aquela intensa alegria que fez a «malta» saltar de contentamento, não durou mais que escassos minutos.

A partir do empate a sorte do jogo estava decidido. O Benfica só necessitava de um golo para soltar o seu jogo e alongar os seus movimentos, tornando ainda mais pre-

## HISTÓRIA DAS 29 FINAIS

1938 - 39	— Salésias — ACADÉMICA - Benfica	4-3
1939 - 40	— Lumiar — BENFICA - Belenenses	3-1
1940 - 41	— Salésias — SPORTING - Belenenses	4-1
1941 - 42	— Lumiar — BELENENSES-V. Guimarães	2-0
1942 - 43	— Salésias — BENFICA - V. Setúbal	5-1
1943 - 44	— Salésias — BENFICA - Estoril	8-0
1944 - 45	— Salésias — SPORTING - Olhanense	1-0
1945 - 46	— Jamor — SPORTING - Atlético	4-2
1947 - 48	— Jamor — SPORTING - Belenenses	3-1
1948 - 49	— Jamor — BENFICA - Atlético	2-1
1950 - 51	— Jamor — BENFICA - Académica	5-1
1951 - 52	— Jamor — BENFICA - Sporting	5-4
1952 - 53	— Jamor — BENFICA - F. C. do Porto	5-0
1953 - 54	— Jamor — SPORTING - V. Setúbal	3-2
1954 - 55	— Jamor — BENFICA - Sporting	2-1
1955 - 56	— Jamor — F. C. DO PORTO - Torriense	2-0
1956 - 57	— Jamor — BENFICA - Sporting da Covilhã	3-1
1957 - 58	— Jamor — F. C. DO PORTO - Benfica	1-0
1958 - 59	— Jamor — BENFICA - F. C. do Porto	1-0
1959 - 60	— Jamor — BELENENSES - Sporting	2-1
1960 - 61	— Antas — LEIXÕES - F. C. do Porto	2-0
1961 - 62	— Jamor — BENFICA - V. Setúbal	3-0
1962 - 63	— Jamor — SPORTING - V. Guimarães	4-0
1963 - 64	— Jamor — BENFICA - F. C. do Porto	6-2
1964 - 65	— Jamor — V. SETÚBAL - Benfica	3-1
1965 - 66	— Jamor — SPORTING DE BRAGA - V. Setúbal	1-0
1966 - 67	— Jamor — V. SETÚBAL - Académica	3-2
1967 - 68	— Jamor — F. C. DO PORTO - V. Setúbal	2-1
1968 - 69	— Jamor — BENFICA - Académica	2-1